

O MERCADO DE AVENTURA EM BELO HORIZONTE: PERFIL PROFISSIONAL, PERSPECTIVAS E APROXIMAÇÕES COM A EDUCAÇÃO FÍSICA

Isabella Guimarães Lima e Silva¹
Belo Horizonte, MG, Brasil

Luiz Gustavo Nicácio²
Belo Horizonte, MG, Brasil

Marcos de Abreu Melo³
Belo Horizonte, MG, Brasil

Resumo: O objetivo deste trabalho foi traçar um panorama do mercado de aventura em Belo Horizonte segundo a percepção de dois gestores responsáveis por empresas consolidadas na área. Para isso, foram realizadas entrevistas. Identificou-se que não há uma formação específica entre os profissionais da área, sendo ela pautada na prática e na paixão pela aventura. Valoriza-se o conhecimento técnico, a capacidade para prever e lidar com situações de risco e a proatividade; a formação em Educação Física é citada como desejável. Por fim, o mercado é apontado como em construção e acreditam em sua capacidade de desenvolvimento, apesar de estabelecerem prazos diferentes para isso. Avaliamos que a pandemia deve provocar modificações nesse processo do mercado.

Palavras-chave: Lazer. Natureza. Formação Profissional.

THE ADVENTURE BUSINESS IN BELO HORIZONTE: PROFESSIONAL PROFILE, OUTLOOK AND CONNECTIONS WITH THE PHYSICAL EDUCATION

Abstract: The goal of this work was to outline an overview of the adventure market in Belo Horizonte according to the perception of two managers responsible for consolidated companies in the area. To reach that objective, interviews were made with them. It was identified that there is no specific training among professionals in the area, which is based on practice and passion for adventure. Technical knowledge, the ability to foresee and deal with risky situations and proactivity are valued; a degree in Physical Education is mentioned as desirable. Finally, the market is said to be in the making and they believe in its capacity for development, despite setting different deadlines for this. We believe that the pandemic should cause changes in this market's process.

Keywords: Leisure. Nature. Professional Training.

EL MERCADO DE AVENTURA EN BELO HORIZONTE: PERFIL PROFESIONAL, PERSPECTIVAS Y ENFOQUES DE LA EDUCACIÓN FÍSICA

Resumen: El objetivo de este trabajo fue esbozar un panorama del mercado de aventura en

¹Bacharel em Educação Física (UFMG) e coordenadora de projetos na Associação Natividade. Email: silva.isabellagui@gmail.com

²Licenciado em Educação Física – UFMG, Doutorando em Estudos do Lazer – PPGIEL/UFMG, professor do COLTEC (UFMG) e colíder do grupo Caparaó – UFMG. Email: luiz.nicacio.ef@gmail.com

³Licenciado em Educação Física – UFMG, Mestre em Estudos do Lazer – PPGIEL/UFMG, professor do COLTEC (UFMG) e integrante do grupo Caparaó – UFMG Email: mdeabreumelo@gmail.com

Belo Horizonte según la percepción de dos gestores responsables de empresas consolidadas en el área. Para ello, se realizaron entrevistas. Se identificó que no existe una formación específica entre los profesionales del área, que se base en la práctica y la pasión por la aventura. Se valoran los conocimientos técnicos, la capacidad de prever y afrontar situaciones de riesgo y la proactividad; Se cita como deseable la formación en Educación Física. Finalmente, se dice que el mercado está en construcción y se cree en su capacidad de desarrollo, a pesar de fijar diferentes plazos para ello. Creemos que la pandemia debe provocar cambios en este proceso de mercado.

Palabras clave: Tiempo libre. Naturaleza. Formación profesional.

INTRODUÇÃO

A busca pela aventura, enquanto exploração do desconhecido, ainda que possa ser considerada uma condição social inerente às civilizações, tem crescido substancialmente nas últimas décadas, tornando-se uma manifestação cultural de grande interesse nas sociedades modernas (PIMENTEL, 2013).

Em pesquisa realizada pela *Travel Leaders Group da Adventure Travel Trade Association* (ATTA, 2018)⁴, é apresentado um crescente interesse por essas atividades no âmbito econômico. Os dados apontam que o mercado global de turismo de aventura, que em 2013 tinha um valor estimado de US \$375 bilhões, representava US \$683 bilhões em negócios no ano de 2018.

Já no meio acadêmico, Sánchez, García e Rama (2019) identificaram que a afeição da comunidade científica por essa temática também aumentou na última década, principalmente nos Estados Unidos, Reino Unido e França. Ao todo, foram encontrados 223 artigos sobre o tema e, no topo do ranking das revistas mais produtivas, estão a *Sport in Society* e *Leisure Studies*.

Em meio ao crescimento tanto em termos de mercado, quanto no que diz respeito à comunidade acadêmica, percebemos que a relação entre a Educação Física e o Lazer está bem descrita na literatura. Por outro lado, o vínculo entre a Educação Física e as atividades de aventura (AA) ocorre, inicialmente, em decorrência dessas atividades estarem diretamente relacionadas a aspectos biodinâmicos do movimento humano. Entretanto, não parece haver ainda um consenso sobre o processo de formação dos profissionais que atuam nesse campo.

Silva (2020) identificou que, na cidade de Belo Horizonte, em nove das treze Instituições de Ensino Superior que oferecem o curso de Educação Física, são ofertadas disciplinas que abordam essa temática. Ainda que outras possibilidades de formação não

⁴ O relatório está disponível para compra online pelo endereço a seguir: <https://learn.adventuretravel.biz/research/2018-adventure-travel-trends-snapshot/>

possam ser descartadas enquanto capazes de suprir as demandas do mercado de aventura, os dados colaboram para uma reflexão a respeito da apropriação desse campo por parte dos profissionais de Educação Física.

Considerando o caráter promissor das AA dimensionadas no âmbito do lazer, tornam-se urgentes as discussões acerca da atuação desses profissionais, visto que os mesmos são responsáveis por conduzir atividades associadas ao risco, que requerem conhecimentos, habilidades e competências específicas, atreladas a uma responsabilidade social.

Nesse contexto, podemos entender o Mercado de Aventura como um conjunto de empresas e profissionais independentes que oferecem uma ampla gama de serviços relacionados às Atividades de Aventura. Isso engloba desde a venda de equipamentos até a oferta de experiências, a prestação de treinamento especializado e a consultoria necessária para a realização dessas atividades.

É fundamental considerar que a forma como os locais adequados para essas práticas são utilizados pode ter um impacto significativo nos aspectos sociais, econômicos e ambientais. Portanto, a atuação dos profissionais envolvidos desempenha um papel crucial na condução dos processos de intervenção nesse mercado.

O Mercado de Aventura em Belo Horizonte

Em 2017, um levantamento elaborado pelo portal americano *US News & World Report*, em parceria com a consultoria BAV e com a Escola de Negócios Wharton, da Universidade da Pensilvânia, apontou o Brasil como o lugar ideal para a prática de aventura e um dos melhores destinos turísticos do mundo. Esse estudo foi realizado com mais de 16 mil pessoas em 80 países.

Nesse contexto, Minas Gerais é apontado como uma das referências nacionais: o estado é conhecido pelas belas paisagens, constituídas por um número elevado de trilhas, serras, picos e cachoeiras exuberantes e sua capital, Belo Horizonte (BH), apresenta um histórico relevante no cenário da Aventura. Em 2006, foi criado o projeto EU AMO BH RADICALMENTE, pelo Belo Horizonte *Convention & Visitors Bureau*, entidade de fomento ao turismo e valorização da imagem da cidade. Apesar de sua rápida extinção, o movimento contou com um grande empenho de divulgação e foi expressivo na época. Já em 2016, o prefeito Marcio Lacerda (PSB) sancionou a lei 10.966/2016, publicada no Diário Oficial do Município (DOM), que declarava o município como Polo Nacional do Esporte Radical e de Aventura e instituiu o evento “BH 360° Polo Nacional do Esporte Radical e de Aventura”. Em função do seu potencial econômico e

localização privilegiada em relação a ambientes naturais de prática, verifica-se um número alto de entidades que prestam serviços de modalidades diversas em Belo Horizonte e em seu entorno, entre elas: escalada, skate, *stand-up paddle*, trekking, parapente e vela.

No entanto, os dados sobre esse mercado ainda são incipientes, não foi identificado um mapeamento de quais são as entidades envolvidas, qual o perfil dos profissionais inseridos nesse mercado ou qual a visão de gestores e empresários da área.

Dessa forma, o objetivo geral do estudo foi traçar um panorama do mercado de aventura na cidade de Belo Horizonte – Minas Gerais a partir da percepção de gestores já estabelecidos neste mercado na cidade.

METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo, foi necessário realizar a pesquisa em três etapas:

1. Busca por gestores inseridos no mercado que apresentem um histórico relevante de tempo e atuação.
2. Condução e transcrição das entrevistas com esses gestores.
3. Análise das entrevistas e discussão a partir do referencial teórico.

Entrevistar essa categoria profissional foi definido pelo fato de gestores apresentarem uma visão ampla do mercado, uma vez que seu papel consiste na execução de funções administrativas que envolvem o planejamento, controle e organização (JUNQUILHO, 2001).

Para estabelecer os entrevistados, levantamos as empresas localizadas na capital mineira que possuíssem tempo de permanência expressivo no mercado (consideramos ao menos 20 anos), abrangência geográfica e relevância no cenário belo-horizontino. Além disso, não ter enfoque competitivo profissional, para ampliar os diálogos com o Lazer.

Após o levantamento, duas empresas apareceram com destaque nas buscas realizadas, os gestores foram contatados e convidados para participação na pesquisa.

Foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com o propósito de analisar a percepção dos gestores em relação ao campo de atuação. Essas entrevistas levaram em consideração as exigências, potencialidades e limitações do setor, bem como buscaram compreender a visão desses gestores sobre o perfil dos profissionais que atuam na área. O roteiro das entrevistas foi elaborado em três eixos temáticos distintos. O primeiro eixo abrangeu a coleta de informações pessoais sobre os entrevistados, incluindo detalhes sobre suas trajetórias educacionais e experiências no setor de atividades de aventura. O segundo eixo teve

como objetivo coletar informações sobre a percepção desses gestores em relação aos profissionais inseridos nesse contexto. Por fim, o terceiro eixo abordou as expectativas desses gestores em relação ao mercado.

Um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) foi entregue, lido e explicado aos voluntários, para que ficassem a par do propósito desta intervenção, e as entrevistas foram gravadas, após aceite dos participantes, por um aplicativo de smartphone para serem transcritas, posteriormente.

Para análise das entrevistas, utilizamos o modelo proposto por Bardin (2011), que consiste em um processo segmentado em três etapas: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Após a transcrição e leitura atenta das entrevistas, buscou-se identificar palavras, expressões ou frases que receberam ênfase no discurso de cada um dos gestores. Em seguida, as temáticas abordadas foram agrupadas em onze categorias secundárias que deram origem às categorias finais de análise. O Quadro 1 apresenta esse processo.

Quadro 1 – Categorias de análise

Trajetória dos gestores			
Atividades de aventura enquanto prática de lazer		Histórico de experiências em administração/empreendedorismo	
já pratiquei outros esportes	excursionismo	área de orçamento	aluguel de imóveis
escalada	montanhismo	loja de equipamento de segurança	
paraglider	trekking	organização do evento do que propriamente da aventura	
mergulho	caminhada contemplativa	Administração	
experiência muito grande na área de escalada		se você for trabalhar no lado da gestão, você tem que ter uma veia de empreendedorismo	
Percepção acerca dos profissionais			
Pessoas que possuem o interesse pessoal e a paixão pelas AA	Área acadêmica de formação inespecífica	Formação profissional constituída de experiências pautadas na prática e em cursos diversos	
a maioria de nós é apaixonado	não tem formação específica	não tem formação específica	

paixão, interesse e prazer	não existe uma formação acadêmica especializada	a gente tem experiência	
ele via minha paixão	outros foram colocados pelas outras áreas, no caso, formação em curso superior	eu fazia resgate de trilha	
tem que gostar do esporte, seja ele qual for	advogados	professores são praticantes	
interesse pessoal	estudantes de medicina	experiência literalmente na prática	
são pessoas que são apaixonadas pelo montanhismo, pela vivência em montanha	perfil muito diverso	fui desenvolvendo essa prática e aí isso me dá esse conhecimento	
		não estava ligado exatamente só à área de formação	
		pessoas que já têm vivência com a escalada	
Habilidades e conhecimentos considerados relevantes			
Conhecimento técnico a respeito da atividade	Capacidade para prever e lidar com situações de risco	Proatividade	Formação em educação física
técnica do esporte	curso de primeiros socorros	eu sei que esse menino aqui é bom no resgate quando ele tem interesse	estou cursando educação física (...) era interessante eu entender melhor a prática esportiva de uma forma geral
ter conhecimento na área do esporte	têm que prestar qualquer pronto-atendimento, se precisar tirar de lá carregado, a equipe de resgate tem que ter essa preparação	a principal coisa que tem que ter é a proatividade	os profissionais de educação física, pra trabalhar, principalmente com a escalada, é uma coisa bem nova
formação muito boa na área de montanhismo	curso de bombeiro, técnico de socorrismo	interesse de se preparar pra esse mercado	naturalmente é desejável que ele tenha uma formação na área de educação física
capacitação, no sentido técnica, no tocante à escalada, rígida, forte e consistente	técnicas de segurança	a pessoa tem que ter uma vontade de trabalhar muito grande	acredito que a gente vai ver um adensamento de profissionais com esse perfil (graduado em educação física) nos próximos anos

conhecimento técnico, você simplesmente não aprende de um dia para o outro a escalar	ter curso de primeiros socorros, aprofundar em outros cursos		desejável a formação em educação física
	é um trabalho de natureza perigosa		
	habilitado com relação a primeiros socorros		
Visão do mercado			
Mercado na atualidade		Expectativas	
a gente meio teve que criar as ferramentas pra fazê-lo ficar profissional	ainda não tá bem definido legalmente	eu acredito que com essa força que o mercado tá tomando (...) muita gente tá querendo fazer	
a gente era os primeiros (sic)	não é um esporte oficial, não tá nas olimpíadas, é muito novo	tem mercado financeiro pra isso	
meu professor é da geração que inventou o trekking	começou a profissionalizar em cima disso, gerando campeonato, essa estrutura...	espero que os órgãos públicos desenvolvam estudos	
dificuldade nossa era tudo primeiro	o Lazer ainda está muito incipiente, muito no começo aqui	estamos no mercado esperando um pouquinho melhorar	
as primeiras provas que aconteciam, não existia um equipamento	todo mundo que estava escalando, você conhecia	vinte anos atrás acreditava que em 5/10 anos a gente fosse vivenciar alguma coisa maior/mais forte	
no início dos anos 90, mais especificamente 1990, nós tínhamos quatro/seis áreas de escalada aqui na região metropolitana de Belo Horizonte	eu acho que o que falta é estrutura e profissionalismo de base	o tanto que ele cresceu não se traduz em uma quantidade expressiva de pessoas	
todas as semanas nós temos uma quantidade de público que chega na academia, movido aqui pela curiosidade	antigamente era raro ver alguém "ah eu faço escalada" e hoje não, já tem uma divulgação grande	uma janela superior a 2 anos (...) haverá meio circulante, com o qual a população/o público em geral consiga justificar a adesão a novas possibilidades, tanto de lazer quanto de esporte	

quatro ou cinco espaços de escalada que todos na minha avaliação estão subutilizados		
--	--	--

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

O MERCADO DE AVENTURA NA CAPITAL MINEIRA, FORMAÇÃO PROFISSIONAL, PERFIL E EXPECTATIVAS

Duas empresas atenderam os critérios de inclusão pré-estabelecidos para compor o estudo, ambas ativas por mais de 25 anos na cidade de Belo Horizonte e tendo seus gestores inseridos no mercado há aproximadamente 20 anos. Além de serem tradicionalmente reconhecidas, as empresas também prestam serviços em outros municípios do estado, portanto consideramos possuir relevância e presença no mercado.

A primeira delas é uma empresa especializada no desenvolvimento de provas de trekking de regularidade, também conhecido como enduro a pé, e na organização de outros eventos esportivos, como festivais de balonismo e corridas de rua. Esta empresa está em operação desde 1995 e atua em diversas cidades de Minas Gerais. Em termos gerais, a empresa mantém uma equipe reduzida de profissionais em posição permanente, e sua principal atividade consiste na proposição de projetos que se enquadram nas Leis de Incentivo ao Esporte Estadual e Federal. No entanto, em cada um dos projetos executados, a empresa contrata dezenas profissionais para desempenhar funções específicas.

A segunda empresa desempenha um papel relevante em duas áreas de mercado distintas: a primeira está relacionada à venda de materiais esportivos utilizados na prática de atividades ao ar livre, enquanto a segunda oferece um espaço com muros artificiais para escalada. Esta empresa está ativa no mercado desde 1993 e foi destacada por Gomes (2009) em sua pesquisa de mestrado como uma das duas primeiras academias de escalada em Belo Horizonte e uma das mais tradicionais. Ela atrai tanto iniciantes quanto praticantes experientes, atletas e entusiastas interessados no esporte.

O gestor entrevistado é responsável pela parte financeira de ambas as áreas de negócio, contando, no entanto, com o auxílio de um colaborador na supervisão dos profissionais contratados na loja e no ginásio de escalada, que não ultrapassam dez profissionais. No que diz respeito às vendas, devido ao seu contato com instituições militares, sua empresa fornece uma quantidade significativa de equipamentos para esse segmento.

Trajatória dos gestores

Quando questionados a respeito de sua trajetória profissional, verifica-se que ambos os entrevistados não possuíam, inicialmente, um plano de carreira direcionado à inserção no mercado de aventura. No entanto, são relatadas experiências de trabalho no campo da administração em outros empreendimentos e é possível observar que os saberes relacionados à capacidade gerencial e organizacional são muito valorizados por eles.

Esse dado era previsto, uma vez que o cargo de gestão, em qualquer nicho mercadológico, exige a execução de tarefas de planejamento, organização financeira, empreendedorismo, elaboração de contratos e projetos, entre outras. Carvalhinho (2006) ao categorizar os profissionais inseridos no mercado de aventura, identificou a valorização de competências gerenciais e organizacionais entre aqueles que se apresentam enquanto dirigentes (equivalente aos gestores).

Observa-se que ambos os gestores apresentam trajetórias profissionais semelhantes, a inclinação para fazer parte desse mercado adveio do gosto desenvolvido pelas atividades de aventura em sua dimensão não competitiva. Em suas experiências enquanto consumidores e praticantes, os mesmos desenvolveram expectativas relacionadas ao ramo da aventura, presumindo a possibilidade de inserção profissional e o potencial do mercado em gerar lucros.

Esse contexto coloca em evidência os dados apresentados na introdução, no qual são expostos investimentos financeiros milionários direcionados ao mercado de aventura. Para mais, além da formação institucionalizada e da experiência em outros campos administrativos, saberes oriundos da práxis fizeram parte do processo de formação dos gestores.

O saber constituído da prática não se detém exclusivamente a esse campo. No entanto, a habilidade de prever, detectar e resolver problemas que ocorrem em virtude do risco e das ações imprevisíveis da natureza está extremamente atrelada à prática cotidiana.

Percepções acerca do perfil profissional

Inicialmente, os gestores mencionaram com frequência a paixão que os profissionais do mercado de aventura apresentam pelas atividades que desenvolvem. Em uma das falas, a entrevistada 1 (E1) indica que “já identifiquei, é o seguinte, a maioria de nós é apaixonado, então a gente veio por causa da paixão (...)”. Ainda relativo à sua própria trajetória de inserção no mercado, a entrevistada afirma que o seu mentor na modalidade de trekking se propôs a ensiná-la porque “(...) ele via a minha paixão, como eu gostava e aí ele achava interessante. Então ele se dedicou a ensinar a mim e a um menino que é do Rio de Janeiro” (E1).

É evidente que o processo para escolher uma carreira profissional constitui-se de experiências que permeiam a trajetória desses indivíduos. Schwartz e Carnicelli Filho (2006, p.105) afirmam que guias de rafting da cidade de Brotas “praticavam estas atividades espontâneas no contexto do lazer, desde a infância”.

Muitas experiências que definem uma carreira profissional se desenvolvem por meio de manifestações artísticas, intelectuais, esportivas, entre outras, vivenciadas pelos sujeitos ao longo da vida. No caso dos profissionais da aventura, o gosto pessoal pela prática das AA é uma característica marcante percebida pelos gestores. Nota-se que essas atividades repercutem em um estilo de vida que permeia o campo da produção, do divertimento e do descanso.

Na fala de uma entrevistada, ao estabelecer uma reflexão sobre os trabalhadores envolvidos nas atividades de sua empresa, ela dialoga com essa perspectiva de aproximação com o mercado:

(...) aí eu vejo muito que eles têm a paixão, o interesse e prazer. Pra eles envolvem um divertimento, um final de semana diferente, então eles ajudam muito a gente porque eles gostam, sabe? Envolve isso, não é só um trabalho normal... eu falo que nosso trabalho não é normal (risada). (E1)

Em vista dessa discussão, não é intenção estabelecer uma assimilação romântica entre o lazer e o trabalho. Todavia, embora muitas teorias reforcem a ideia de que esses fenômenos estão desassociados, compreende-se que essa relação se apresenta de maneira mais complexa. Muitos dos profissionais da aventura, ao se inserir nesse mercado, buscam a oportunidade de usufruir das atividades que este proporciona, “não se trata de trabalhar por lazer, mas de buscar no trabalho uma modalidade que se pretendia de lazer, mas que é inacessível a determinadas classes e perfis sociais, por falta de políticas públicas que garantam seu acesso” (BANDEIRA e RIBEIRO, 2015, p. 138).

Com frequência, depara-se com o discurso de que os profissionais do setor se divertem enquanto exercem suas atividades laborais. No entanto, ainda que possa haver uma satisfação pessoal em atuar com as AA, a natureza das motivações e as responsabilidades atreladas à prática no contexto do lazer e no contexto do trabalho são distintas (BANDEIRA e RIBEIRO, 2015).

Em geral, considera-se que as AA recebem contribuições das áreas do conhecimento relacionadas ao Turismo, Educação Física, Biologia, Geografia e Ecologia devido à proximidade com a temática. No entanto, quando analisado o perfil dos profissionais de aventura, segundo a percepção dos gestores, deparamo-nos com uma representação muito mais diversa, ambos não identificaram trajetórias de formação acadêmicas predominantes entre esses profissionais.

Como no estudo realizado por Castilho (2013), o autor constatou que os trabalhadores da área possuíam formações acadêmicas distintas ou não possuíam um curso superior formal, sendo o último característico das regiões rurais. Nesse caso, conhecimentos relacionados à segurança e à geografia local eram mais reconhecidos.

Em pesquisa realizada por Auricchio (2013), foram aplicados questionários a instrutores de paraquedismo e cerca de 64% deles acreditavam não ser necessária a formação universitária para atuar na área e consideravam a prática e os cursos técnicos suficientes para suprir o conhecimento necessário, além de reforçarem a especificidade da atuação em cada atividade.

Levando em consideração esses dados, supõe-se a não existência de uma formação acadêmica que contemple as expectativas do mercado em relação às competências atribuídas aos profissionais do ramo, sendo assim:

Na prática, mais vale quem conheça o ambiente da atividade ou a técnica da modalidade e consiga sobreviver e transitar em fenômenos naturais diversos, do que quem tem um título e contato sistemático com o conhecimento institucional e teórico, mas não saiba operacionalizá-lo (BANDEIRA e RIBEIRO, 2015).

Dessa forma, os achados deste estudo corroboram com o que tem sido verificado na literatura disponível. Consequente, o saber advindo da práxis foi o mais citado quando se trata da percepção dos gestores em relação aos profissionais responsáveis por conduzir as AA. Tanto no campo da Educação Física, quanto no campo do Lazer, muito se discute a respeito da trajetória de formação de treinadores e animadores culturais que desenvolvem seu trabalho a partir da construção de um currículo informal empírico.

Assim, parece haver um preceito que rege os saberes relacionados às AA, ainda que diversas áreas de conhecimento possam contribuir e fornecer princípios, instruções e fundamentos para essas práticas, as mesmas também são dotadas de conhecimentos muito específicos que se consolidam apenas na prática. Em uma das questões, o entrevistado 2 (E2) afirma que, no ginásio de escalada, são contratados escaladores devido ao conhecimento técnico que eles possuem.

Ainda, ambos os entrevistados destacam a participação em cursos de primeiros socorros e específicos de sua área de atuação. Isso indica a existência de um campo de formação não formalizado institucionalmente, que se constitui pelo interesse nas atividades. Essa discussão não é novidade no campo do Lazer, tanto que, para Gomes (2011, p. 36), a formação:

(...) não acontece exclusivamente nas instituições formais de ensino, sendo determinantes para o processo formativo as influências exercidas pela família, pelos amigos, pelo trabalho, pela política, pelos meios de comunicação, etc.

No entanto, a autora aponta a necessidade de uma atuação crítica e reflexiva no

campo do lazer, rompendo com a lógica de reprodução e alienação muitas vezes atribuída a essas atividades de forma a privilegiar uma intervenção contextualizada. A fala da autora provoca uma reflexão acerca da formação desses profissionais, que habilidades são relevantes no contexto das atividades de aventura? Sendo assim, a próxima categoria surge como uma tentativa de se aprofundar nessa reflexão.

Habilidades e competências consideradas relevantes

Embora tenha-se identificado um currículo acadêmico inespecífico direcionado à aventura, tal fato não implica na inexistência de competências necessárias à atuação desses profissionais. Um estudo realizado por Collins e Collins (2018) investigou o papel da prática acadêmica na educação e no desenvolvimento de profissionais *outdoor*. Os autores sugerem que a capacidade de perceber o contexto (sensibilidade cultural à atividade), um intelecto formado (conhecimento declarativo da atividade e da pedagogia) e uma sabedoria prática (a capacidade de fazer a coisa certa, na hora certa) fazem parte desse agrupamento de habilidades.

No presente estudo, buscou-se identificar um conjunto de habilidades consideradas pertinentes para a atuação no campo profissional da aventura para os entrevistados. A habilidade que recebeu maior ênfase foi o conhecimento técnico bem consolidado acerca das atividades que estão conduzindo.

Considerando os dados apresentados na segunda categoria de análise (Percepções acerca do perfil profissional), nota-se que, ainda que os movimentos corporais, o funcionamento de equipamentos e as características de regiões específicas sejam entendidos conceitualmente, o saber constituído no cotidiano desses profissionais, que possuem uma relação estreita com o campo de atuação e vivenciam situações diversas enquanto praticantes e condutores, é distinto daqueles que apenas dominam os conceitos.

Em consonância, Bandeira e Ribeiro (2015) afirmam que a especificidade técnica exigida para a condução das AA necessita de uma formação prática, incapaz de ser contemplada apenas por meio dos cursos de graduação.

No entanto, pautando-se em uma concepção do Lazer que combate a formação de profissionais pragmáticos, refletir sobre as estratégias pedagógicas e o objetivo dessas atividades é relevante. Quando essas atividades acontecem de maneira descontextualizada, visando somente o lucro das empresas e excluindo seus potenciais aspectos educativos, corre-se o risco de negar a abordagem de temas relevantes.

Para além disso, a valorização do conhecimento técnico está estreitamente relacionada à tentativa de garantir uma experiência segura para o praticante, pois, ainda que o risco seja inerente, o uso correto de espaços e equipamentos reduz a chance de imprevistos.

Paixão *et al.* (2011) assegura que para minimizar a chance de acidentes, é necessário

(...) aliar uma série de saberes que incluem domínio da técnica, habilidades adequadas à modalidade que está realizando, conhecimento e emprego da tecnologia e de equipamentos, capacidade de decifrar informações referentes ao ambiente natural e, diante do imprevisto, capacidade de decidir e agir antecipadamente por meio de estratégias a serem utilizadas para superar o obstáculo e atingir seus fins (PAIXÃO *et al.*, 2011, p.416).

O risco é um dos elementos fundamentais relacionados à aventura, capaz de despertar diferentes reações em cada pessoa. Esse elemento decorre, dentre outras questões, da ação conjunta dos profissionais em consonância com os praticantes. Posto isto, considera-se importante que o instrutor tenha uma boa capacidade de comunicação, didática e empatia ao intervir no comportamento de quem está sendo orientado.

Nesse mesmo contexto, os cursos de primeiros socorros foram citados como essenciais, pois, ainda que o objetivo principal seja evitar incidentes, o risco não pode ser anulado. Dessa forma, é possível que durante a prática seja exigido do profissional prestar atendimento aos clientes ou mesmo a colegas de profissão.

Como apresentado nas discussões anteriores, a trajetória de formação dos profissionais de aventura é especialmente autônoma e depende, desta maneira, em grande parte da disponibilidade e dedicação deles próprios para buscar atualizações e conhecimentos que possam contribuir para a atuação.

Frente a esse cenário, a proatividade é indicada pelos entrevistados como sendo outra competência primordial. Uma gama enorme de conhecimentos contribui para a condução das AA, desde aspectos técnicos e pedagógicos a conhecimentos sobre ecologia e liderança. No entanto, no Brasil, não há uma instituição que reúna todos esses aspectos em uma educação formal universal. Dessa forma, o profissional desenvolve sua formação de maneira fragmentada a partir de demandas que surgem da prática ou de discussões que surgem no meio legal.

Como bem apontado por Silva (2004), os conteúdos contemplados pelos currículos do ensino superior formal emergem de discussões e disputas políticas. Ou seja, não são e não devem ser capazes de suprir todas as demandas mercadológicas. Considerando essa particularidade, é importante que as instituições se preocupem em apresentar um ramo diversificado de campos de atuação durante a trajetória acadêmica, de modo a privilegiar a autonomia do indivíduo enquanto sujeito ativo em sua formação, tornando-o capaz de

fundamentar sua prática profissional.

No entanto, é ilusório fiar-se à ideia de que a graduação em Educação Física seja capaz de formar um profissional apto a atuar integralmente com todas as manifestações existentes na cultura corporal de movimento. Todavia, ainda que exista um distanciamento entre as especificidades das AA e os currículos formais de ensino, o domínio de saberes que envolvem o movimento em seus aspectos biodinâmicos e culturais aproximam muito a Educação Física das AA.

Os gestores deste estudo demonstraram valorizar profissionais com formação em Educação Física, dado que vai ao encontro dos achados de Auricchio (2013), em que os entrevistados, apesar de não valorizarem uma formação acadêmica, avaliam a Educação Física como a mais indicada.

Uma das hipóteses constituídas no cerne desta pesquisa, é a existência de uma relação entre os campos, afinal a própria trajetória da autora perpassa por essa construção. No entanto, ainda há obstáculos para consolidar o vínculo entre a Educação Física e a Aventura no ensino superior. Silva (2020), por exemplo, identificou que professores universitários se sentem desafiados a ministrá-las visto que se trata de um assunto pouco explorado no campo.

Ainda que a passos lentos, parece haver uma expectativa em relação à ocupação desse mercado por profissionais da Educação Física. E2 indica que “nos próximos anos, nós vamos começar a notar alguns profissionais da Educação Física se destacando no mercado, não ainda.”

Visão sobre o mercado de aventura em Belo Horizonte

Inicialmente, é possível afirmar que ambos os gestores acreditam que o campo se apresenta de maneira incipiente e ainda está em desenvolvimento. Na fala de E2, ele narra sua experiência ao ingressar no montanhismo e expõe o fato de existirem poucas pessoas explorando esse mercado até o início dos anos 90 na região. Já E1 comenta sobre o esforço da empresa em desenvolver equipamentos para aprimorar a prática do trekking pelo fato de serem pioneiros na modalidade.

Ao mesmo tempo em que os discursos colaboram com a noção de “pouca idade” do mercado, eles também contribuem com a ideia de dinamicidade, tanto pelo aumento do número de praticantes, quanto pela necessidade de desenvolvimento de novos equipamentos. Isso porque especula-se que os praticantes estão evoluindo e, por isso, há uma demanda de tecnologias mais avançadas para auxiliá-los na prática. Por isso, cada vez mais, roupas,

calçados, barracas, cordas, sistemas de localização (e etc.) estão sendo desenvolvidos para atender às necessidades específicas de cada atividade.

No entanto, essa não parece ser a realidade para uma parcela grande das pessoas que se interessam pelas AA. Por exemplo, E2 relata que, apesar das práticas atraírem o olhar de muitas pessoas, nem sempre a curiosidade torna-as consumidoras assíduas do mercado, dispostas a investir uma quantidade significativa de dinheiro no mesmo.

Nesse contexto, o gestor descreve o empreendimento enquanto uma “perfumaria” em sua vida e indica que, apesar do crescimento expressivo, a Academia de Escalada ainda não foi capaz de gerar o lucro esperado. Corroborando com esse dado, Araújo (2012) aponta que, embora a procura pelas AA tenha crescido e alcançado uma maior exposição na mídia, a carreira nesse campo não é totalmente rentável, principalmente devido à sua sazonalidade. Além disso, o autor indica que os donos das agências relacionam as dificuldades de crescimento aos desafios do empreendedorismo no Brasil, que julgam ser custoso.

Por meio de uma análise mais ampla, podemos considerar que a dificuldade encontrada por esses gestores não é um problema exclusivo do nicho mercadológico da aventura, mas uma consequência da situação econômica do país, que há anos enfrenta inúmeras crises. Um desses exemplos é a desvalorização da moeda em relação ao dólar, que tem como consequência o alto preço de equipamentos importados.

Quando procuramos saber sobre as expectativas dos gestores em relação a esse ramo, deparamo-nos com algumas divergências. Para E2, os negócios “vão mal” e devem continuar assim a médio ou longo prazo, já E1 parece se colocar em uma posição mais positiva em relação ao mercado.

Essa contraposição pode estar atrelada ao fato de que as empresas operam com modalidades e mecanismos distintos. Ainda que a escalada seja um esporte popular entre as AA, o acesso a ela não é tão simples quanto ao trekking, principalmente em virtude dos equipamentos utilizados. Determinadas modalidades da escalada contam com cordas, freios, sapatilhas, capacete, entre outros aparatos. Já para o trekking, o investimento inicial é muito menor: basicamente, são necessários tênis, roupas confortáveis, uma bússola e a planilha de orientação.

Além disso, as próprias demandas físicas requisitadas para realizar cada uma dessas atividades são de níveis diferentes. Na escalada, a exigência muscular para os iniciantes é maior, pois os movimentos exigidos não são tão usuais como em uma caminhada. Além disso, por envolver a altura, a modalidade pode provocar mais receio dos praticantes.

Em segundo plano, está o fato de que a empresa de trekking opera em conjunto com a

federação mineira da modalidade, por meio da Lei de Incentivo de Esporte Estadual, organizando o Circuito Mineiro de Trekking. Desse modo, é possível divulgar a modalidade em eventos gratuitos para a população de várias regiões do estado.

Atentando-se para outro ponto, no que diz respeito às normas de regulamentação para condução de atividades de aventura, E1 demonstra insatisfação com o cenário atual. Para a gestora, há problema estrutural no mercado de aventura, que diz respeito à falta de regulamentações para a prática. No entanto, a partir de uma busca no meio digital, foi possível encontrar uma série de documentos legais relacionados à essa demanda.

Em 2003, uma comissão de brasileiros, ligados ao Ministério do Turismo, visitou a Nova Zelândia com o objetivo de exportar as boas práticas referente às atividades de aventura adotadas pelo país (EICHENBERG e DA SILVA, 2013). Já em 2004, empreendedores atuantes no ramo, com a coparticipação do Ministério do Turismo, fundaram a ABETA. Esses órgãos, somados ao Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (INMETRO) e à Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), foram responsáveis por desenvolver normas técnicas para o Turismo de Aventura no Brasil. Segundo Eichenberg e Da Silva (2013, p.5), o programa alcançou uma boa projeção no cenário mundial:

Com 28 normas técnicas publicadas e um processo de certificação em Ecoturismo e Turismo de Aventura com acreditação pelo Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (INMETRO), o Brasil tem sido apontado como referência mundial nesses segmentos. As empresas são certificadas conforme a ABNT NBR 15331:2005 - Sistemas de Gestão da Segurança 5 - Requisitos.

Além disso, em 2006, esses foram os órgãos responsáveis por desenvolver o Programa Aventura Segura (PAS). Mediante a ele, intencionava-se qualificar empresas e profissionais do setor, auxiliando-os na implementação do Sistema de Gestão da Segurança (SGS), a partir das normas brasileiras publicadas (EICHENBERG e DA SILVA, 2013).

Todavia, apesar da boa repercussão mundial, a satisfação entre os profissionais ligados ao setor não é hegemônica, como apontam Bandeira e Ribeiro (2015, p.152):

Em 2005, um conjunto de entidades esportivas contestou por carta enviada ao Conselho Nacional de Esporte (CNE) a legitimidade do trabalho da Abeta e a adequação de suas normas e exigiu um posicionamento do Ministério do Esporte em reivindicar para as associações e confederações existentes, visto o princípio constitucional da autonomia esportiva, o direito de regulamentação do campo da aventura não como um todo, mas cada instituição responsável por sua modalidade específica. Baseados no argumento de que órgãos nacionais de representação e de organização de algumas modalidades já existiam antes da criação da Abeta – e que, pela atividade física vigorosa implicada em sua prática, a aventura seria esporte – e não foram consultadas para a confecção das normas ABNT. Tal ação culminou com a criação da Comissão de Esporte de Aventura no Ministério do Esporte.

Ainda assim, a comissão não conseguiu se sustentar, uma vez que as Atividades de

Aventura não se enquadram no quadro de prioridades do até então existente Ministério do Esporte. Uma das hipóteses sobre a insatisfação da gestora E1 acerca dessas normas pode estar relacionada à essa segmentação das áreas.

Como vemos, uma série de divergências circundam o mercado de aventura, a maioria em função das múltiplas possibilidades de vivência dessas atividades. Esse fator é positivo, pois resulta em um mercado plural que recebe a contribuição de saberes diversificados. No entanto, também gera campos de disputa profissional. Portanto, é desejável que essas normas sejam desenvolvidas de maneira contextualizada, em consonância com o trabalho já executado em cada um dos espaços de atuação, verificando os erros e acertos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, buscou-se traçar um panorama sobre o mercado de aventura em Belo Horizonte a partir da percepção de gestores de empresas de tradição na cidade e compreender a relação entre esse mercado e a formação em Educação Física.

Inicialmente, com o intuito de identificar a trajetória dos entrevistados, exploramos seu histórico de atuação. Observou-se que ambos executavam funções administrativas em outros tipos de estabelecimento e viram no mercado de aventura uma oportunidade de desenvolvimento financeiro, enquanto ainda se aventuravam como praticantes em diferentes modalidades das AA. Essa ação foi motivada tanto pelo crescimento visível no interesse dessas atividades, quanto pela satisfação pessoal em trabalhar com uma atividade que lhes era prazerosa.

Este resultado era esperado, visto que, na introdução do trabalho, é possível encontrar dados que ratificam o crescimento do mercado de aventura a nível mundial, tendo atraído diferentes olhares, seja no âmbito econômico, seja entre a comunidade científica. Não à toa, foi realizada a presente pesquisa, que buscou compreender o nicho mercadológico da aventura na cidade de Belo Horizonte.

Além disso, outros estudos desenvolvidos na área também compartilham dados relevantes com os achados dessa pesquisa. Muitos autores identificaram que o campo de formação que fornece os conhecimentos necessários para conduzir AA ainda se constitui na prática. E, nesse sentido, mesmo que os saberes não devam se enquadrar na hierarquia estabelecida pelo ensino formal, parece ser positivo traçar um diálogo entre a experiência da prática, o conhecimento acadêmico e as exigências do mercado. Apesar de não ser o ensino superior o único ambiente possível para uma atuação crítica e reflexiva, é importante estabelecer

espaços de formação e trocas que levem em conta o caráter educativo das AA.

Isso fica ainda mais latente se levado em conta que os aspectos pedagógicos e de consciência ambiental não aparecem em nenhuma das falas dos gestores sobre a percepção do perfil ou exigências do mercado profissional, o que não significa que os profissionais da área não possuam essas competências, mas elas parecem ficar em segundo plano para o mercado. Em estudos futuros, é importante investigar como o campo tem pautado as discussões sobre o domínio pedagógico para ensinar as técnicas referentes a cada modalidade e o processo de conscientização sobre a ocupação dos espaços em que são conduzidas essas atividades, o direito à cidade, a preservação ambiental, a relação com as comunidades ao entorno, entre outros aspectos.

Essa discussão nos preocupa, pois, nos últimos anos, temos visto no Brasil, um total descaso dos órgãos governamentais com a preservação dos ecossistemas nativos. É possível sensibilizar a população e desenvolver a conscientização ambiental por meio das AA, no entanto, essas atividades também podem trazer um impacto negativo ao local de prática, se não abordadas de maneira adequada. Dessa forma, é importante que profissionais da aventura *outdoor* estejam comprometidos com a preservação e valorização dos ambientes em que atuam.

Ainda sobre a formação nesse campo, alguns autores (AURICCHIO, 2013; CASTILHO, 2013; SÁNCHEZ, GARCÍA e RAMA, 2019) realizam discussões acerca das dificuldades impostas socialmente para que sujeitos se apropriem de determinadas práticas culturais. Frente aos dados apresentados neste estudo, constitui-se uma reflexão: se o mercado de aventura é formado por profissionais que advêm da experiência prática, aqueles que não têm acesso a essas atividades acabam por serem excluídos do campo de atuação? Essa é uma questão importante, estudos que procurem investigar o perfil socioeconômico desses profissionais poderiam gerar dados relevantes para compreender a inserção deles no mercado.

Quanto à relação das AA com a formação em Educação Física, os gestores percebem o interesse dessa classe profissional e suas contribuições para o mercado, mas ambos reconhecem que a Educação Física ainda não está consolidada na área. Ainda que essa não seja a única formação possível para atuar com as AA, o mercado na área é muito promissor e pode render bons frutos a esses profissionais.

No entanto, vive-se atualmente um contexto muito particular devido a diferentes fatores que marcaram os últimos anos local e globalmente. O primeiro se refere à Pandemia da Covid-19, situação que, além de causar a morte de milhares de pessoas no país, prejudicou a condição econômica de grande parcela da população e limitou várias possibilidades de lazer. Outro ponto é o de instabilidade política em uma tendência binária que amplia abismos econômicos e sociais,

perspectivas de abordagem a políticas públicas no que tange a oferta de determinadas práticas e fomento para investimento em empresas. Além disso, o acirrado debate acerca dos cuidados com o meio ambiente em escala nacional e mundial. Todos esses quadros potencializados pela recente mudança de gestão no executivo e legislativo nacional.

Sendo assim, é possível trabalhar com a hipótese de que, no campo econômico, o Brasil ainda enfrente um tempo de dificuldades, que limita a população a usufruir de momentos de lazer mediados por investimentos financeiros. No entanto, também pode-se especular que, devido às reflexões provocadas durante esse período, o Lazer passará a ser mais valorizado, principalmente as manifestações culturais associadas à melhora da saúde e qualidade de vida. E, talvez por isso, as AA tenham o potencial de crescimento ainda maior.

Este estudo apresenta limites a serem apresentados a seguir. Primeiramente, sua base está fundamentada na percepção dos gestores de empresas específicas em Belo Horizonte, o que impõe restrições à generalização dos resultados para o mercado de aventura como um todo. A amostra selecionada pode não representar de maneira abrangente todas as empresas e gestores atuantes nesse setor. Adicionalmente, o estudo focou exclusivamente na perspectiva dos gestores das empresas, deixando de fora as opiniões e visões de outros atores relevantes no mercado de aventura, tais como instrutores, clientes e órgãos reguladores.

Outra limitação a ser considerada são as restrições temporais inerentes à análise. O estudo se concentra em um período específico e pode não capturar eventuais mudanças significativas que possam ocorrer no dinâmico mercado de aventura após a conclusão da pesquisa.

Portanto, embora este estudo ofereça *insights* sobre o mercado de aventura em Belo Horizonte, é crucial reconhecer essas limitações ao interpretar seus resultados. Além disso, é imperativo reconhecer a necessidade de pesquisas adicionais que possam proporcionar uma compreensão mais completa e atualizada desse mercado em constante evolução.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. **A formação de profissionais que atuam com esportes e atividades de lazer na natureza no entorno da cidade de Belo Horizonte/MG.** 2012. 133 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

AURICCHIO, J. **Formação e atuação profissional em atividade de aventura no âmbito do lazer.** 2013. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2013.

BANDEIRA, M.; RIBEIRO, O. Sobre os profissionais da aventura: problemas da atuação na

interface esporte e turismo. **Licere**, Belo Horizonte, v.18, n.3, p.116-157, Set. 2015.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Trad. Reto, L; Pinheiro, A. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Governo. **Lei Municipal nº 10.966 de 12 de setembro de 2016**. Disponível em <https://dom-web.pbh.gov.br/visualizacao/edicao/1857>

CARVALHINHO, L. **Os Técnicos e as Atividades de Desporto de Natureza**: análise da formação, funções e competências profissionais. 2006. 332 f. Tese (Doutorado em Escola Superior de Desporto) - Universidade de Trás-os-montes e Alto Douro, Santarém, 2006.

CASTILHO, C. **Lazer na natureza e atuação profissional**: discursos e práticas contemporâneas. 2013. 137 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

COLLINS, L.; COLLINS, D. The role of ‘pracademics’ in education and development of adventure sport professionals. **Journal Of Adventure Education And Outdoor Learning**, Inglaterra, v.19, n.1, p.1-11, Jun. 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14729679.2018.1483253>. Acesso em: 20 Jan. 2023.

EICHENBERG, F.; DA SILVA, C. Políticas públicas de turismo no Brasil: normalização em turismo de natureza e a experiência do programa aventura segura. **Revista Turydes**, Málaga, v.6, n.15, Dez. 2013. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/turydes/15/natureza.html>. Acesso em: 20 Nov. 2020.

GOMES, C. Lazer e Formação Profissional: saberes necessários para qualificar o processo formativo. In: FORTINI, J.; GOMES, C.; ELIZALDE, R. (Org.). **Desafios e Perspectivas da Educação para o Lazer**. Belo Horizonte: SESC/Otium, 2011. p.33-46.

GOMES, K. **A Escalada em Belo Horizonte - MG**: um estudo sobre a constituição do subcampo esportivo da escalada e as transformações do habitus. 2009. 122 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

JUNQUILHO, G. Gestão e ação gerencial nas organizações contemporâneas: para além do “folclore” e o “fato”. **Revista Gestão & Produção**, São Carlos, v.8, n.3, p.304-318, Dez. 2001.

PAIXÃO, J. A. *et al.* Risco e aventura no esporte na percepção do instrutor. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v.23, n.2, p.415-425, Ago. 2011.

PIMENTEL, G. Atividades de Aventura: uma terminologia aporética. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.35, n.3, p.687-700, Jul. 2013.

SÁNCHEZ, A.; GARCÍA, J. RAMA, M. Nature sports: state of the art of research. **Annals Of Leisure Research**, Austrália, v.23, n.1, p.52-78, Fev. 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/11745398.2019.1584535>. Acesso em: 20 Jan. 2023.
SCHWARTZ, G.; CARNICELLI FILHO, S. (Desin)Formação profissional e atividades de aventura: focalizando os guias de “Rafting”. **Revista Brasileira de Educação Física**, São Paulo, v.20, n.2, p.103-109, Abr. 2006.

SILVA, M. T. **As atividades de aventura e os profissionais que atuam nesse campo, sob a ótica dos professores das instituições de ensino superior e dos gestores das empresas do setor em Belo Horizonte.** 2020. 105 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SILVA, T. **Documento de Identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

STOPPA, E.; ISAYAMA, H. Lazer, Mercado de Trabalho e Atuação Profissional. *In:* WERNECK, C.; STOPPA, E.; ISAYAMA, H. **Lazer e Mercado.** 1. ed. Campinas: Papyrus, 2001. p.71-99.

NOTAS DOS AUTORES

Declaração de conflito de interesses

O presente estudo não possui conflitos de interesses.

Contribuição dos autores

I.G.L.S, M.A.M e L.G.N escreveram o texto final, I.G.L.S realizou a elaboração e desenvolvimento da análise de conteúdo, L.G.N e M.A.M orientaramo trabalho de análise, M.A.M e L.G.N realizaram a revisão crítica intelectual para submissão, L.G.N e I.G.L.S elaboraram o projeto de pesquisa, L.G.N atuou como orientador..

Endereço para correspondência

Setor de Educação Física, Colégio Técnico – Universidade Federal de Minas Gerais – Av. Antônio Carlos, 6627 – Pampulha, Belo Horizonte – MG – CEP 31.270-901.

Submissão: 27/01/2023

Aceite: 06/10/2023